

**A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA PARA O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA
LÍNGUA ESCRITA**

***THE FAMILY'S CONTRIBUTION TO THE ACQUISITION OF WRITTEN
LANGUAGE***

Letícia de Oliveira Basílio¹

Thiago Ferigati Squiapati Nicolau²

RESUMO

Esta pesquisa aborda os principais aspectos relacionados à aquisição da língua escrita por meio de um estudo sobre a família e de uma breve reflexão sobre o histórico da infância. A análise investiga a relação entre família e escola, em que se busca analisar as interferências que a primeira poderá implicar na vida da criança que está iniciando sua alfabetização. A pesquisa analisa o conceito de infância, a partir de um olhar histórico, em que o leitor compreende como foi, em determinada época, a visão da família e da sociedade acerca da educação. De maneira geral, conclui-se que o artigo destaca a participação da família, citando sobre a importância da instituição para o mundo letrado, que “abre” espaço para um caminho em que a escrita e a leitura estão presentes, sendo intimamente ligado às práticas sociais da vida.

Palavras-chave: alfabetização; família; escola

ABSTRACT

This research addresses the main aspects related to the acquisition of written language through a study of the family and a brief reflection on the history of

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Unifafibe de Bebedouro-SP. Email: leticiabasilio76@gmail.com

² Docente do Centro Universitário Unifafibe de Bebedouro-SP. Email: thiagoferigati@yahoo.com.br

childhood. The analysis investigates the relationship between family and school, which seeks to analyze the interference that the first may result in the child's life, who is starting its literacy. The research analyzes the concept of childhood, from a historical look where reader understands how it was, at one time, the vision of the family and society about education. Overall, it is concluded that the article highlights family participation, citing the importance of the institution to the literate world, which "open" space for a way in which writing and reading are present, being closely linked to the practical social life.

Keywords: alphabetization; family; school.

Introdução

A aprendizagem da leitura e da escrita no processo de alfabetização é um tema fundamental para todos que se dedicam ou pretendem se dedicar à área da educação ou docência. A preocupação profissional instiga o educador comprometido a pensar o tema, uma vez que está fundamentalmente ligado à formação inicial do aluno, mostrando uma abertura ampla para a compreensão do mundo letrado, em que a escrita se faz presente, juntamente com a leitura também, sempre articuladas as práticas sociais. Sabendo que tal processo de aquisição da competência escritora e leitora acontecem em grande parte na escola, há por trás da instituição uma grande aliada que poderá, juntamente com a mesma, contribuir no processo de construção deste conhecimento. Trata-se da família, o grupo social investigado neste trabalho de pesquisa.

No passado, por exemplo, muitas crianças não tiveram contato com a educação institucionalizada, aquela que se dá por meio da escola; assim, como consequência, muitas crianças e futuros adultos tiveram a sua base educacional com a própria família. Nas sociedades medievais, segundo o autor Philippe Ariès em sua obra *História Social da Criança e da Família* (1975), por volta do século XVII, as crianças não tinham nenhum destaque dentro do contexto social, de modo que, nesta época, não existiam crianças com características específicas de um indivíduo na fase de criança, com uma expressão particular, e sim, homens em tamanho

reduzidos, os chamados e conhecidos “adultos em miniatura”. Atualmente muito se tem pensado nesta fase tão importante para a criança, que é a fase escolar, em que ela passa grande parte de sua vida em contato com a escola para ser alfabetizada e para adquirir novos conhecimentos. A partir desta preocupação, o principal objetivo do artigo será tratar como a família contribuirá no processo de construção deste conhecimento, trabalhando junto com o professor e com todos os profissionais da escola.

Complementando o tema em questão, o artigo também explicitará de que forma o meio e a estrutura familiar influenciam negativamente (ou não), o processo de alfabetização, momento fundamental para a formação escritora da criança.

Apesar de não se tratar de uma pesquisa de campo, a justificativa para o tema abordado se deu pelo fato de observação durante um estágio em uma escola municipal, momento em que foi analisada a diferença na aprendizagem de alunos com estímulo da família e sem nenhum incentivo.

A metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos englobou pesquisa bibliográfica, analisando vários autores que em seus trabalhos enfatizaram o tema e buscando a situação aqui apresentada. Segundo Antonio Carlos Gil: “Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos” (GIL, 1946, p.29) Segue-se, como base teórica, a linha de pensamento dos autores Luiz Carlos Cagliari(1985) e Philippe Ariès(1975), que anteriormente foram citados, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (2000), as autoras Emilia Ferreiro (1987) e Magda Soares (2012)entre outros autores.

Nas palavras de Cagliari (1995), fica clara sua afirmação no momento em que ele trata do processo de alfabetização e de como diversos fatores estão diretamente ligados à criança durante o processo anteriormente dito, além da importância do trabalho escola/família, destacando papéis como o do docente:

O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo seu processo de interação social, da natureza da realidade lingüística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma

agradável e produtiva o processo de aprendizagem sem os sofrimentos habituais (CAGLIARI, 1985, p.9)

Partindo desta afirmação, que está fundamentalmente ligada ao conhecimento do professor do que acontece na realidade do aluno e de outras questões associadas, observa-se a intenção do presente artigo, que explorará a aprendizagem e a influência que a família exerce sobre a criança em sua vida escolar, especificamente na aquisição das habilidades da leitura e da escrita no processo de alfabetização.

Este artigo será dividido nas seguintes partes: noções sobre a história da infância, em que se tratará de um trajeto da antiguidade aos dias atuais, mostrando um breve histórico da família, da infância e da sociedade da antiguidade, percorrendo também pelo assunto da criança, envolvendo a família da antiguidade aos novos valores da sociedade atual; estudos sobre a relação da educação e a família, mostrando as contribuições para o desenvolvimento do processo de aprendizagem da criança; legislação sobre a educação e família, bem como outras considerações sobre a aprendizagem, e, por fim, registra sobre a alfabetização, com breves considerações sobre seu significado e a relação com a família.

1 História da infância e seu papel da antiguidade aos dias atuais

Neste capítulo, abordaremos o conceito histórico de infância e de família desde a sociedade antiga, analisando, ainda, o papel familiar e social no decorrer da história da infância.

O conceito e as noções de infância que temos hoje não são os mesmos de séculos passados, em todos os aspectos. Pouco se falava a respeito da criança, no sentido de tratá-la como tal, ou seja, com cuidados específicos para a fase que estava vivendo, envolvendo os cuidados com a sua saúde, formas de vestir, de tratamento ou como foco de tal pesquisa, a educação. Hoje, até mesmo na educação, por meio de uma nova visão de “creche” para o modelo educacional, a infância passou a ser mais bem abordada, explorando além do cuidar, dando ênfase ao educar, bem como ao brincar e ao aprender por meio das linguagens.

1.1 Um breve histórico sobre a família, sobre a infância e sobre a sociedade da antiguidade

Todos nós possuímos uma família, independentemente de classe social, cultura, relação afetiva ou emocional. É muito importante o que a família representa para a sociedade e para o homem, pois é a base para a construção da personalidade e formação do cidadão. É o primeiro grupo social onde a criança está inserida, e, decorrente desta realidade, terá em sua vida as marcas do que adquiriu com a convivência familiar, seja ela boa ou não.

Grande parte do que a criança é em sua forma de pensar e agir, do seu conhecimento na escola, do seu conhecimento de mundo, vem do que aprendeu com sua família. Este grupo social, base para a sociedade, exerce grande influência na vida das crianças, fazendo com que cada uma delas se diferencie uma das outras em todos os aspectos.

O cuidado com as crianças que observamos hoje por parte da família não é o mesmo de séculos passados. As famílias medievais conservavam seus filhos em casa até a idade dos sete ou nove anos, e, a partir desta, enviavam para casa de estranhos para que fossem educados por mestres e aprendessem boas maneiras. As famílias não somente enviavam seus filhos a outras famílias estranhas, como também recebiam outros. A criança tinha por obrigação servir bem e devidamente seu mestre, segundo o autor Philippe Ariès (1975): “Às vezes, é especificado que o mestre deveria “ensinar” a criança e “mostrar-lhe os detalhes de sua mercadoria”, ou que deveria “fazê-la frequentar a escola” (ARIÈS, 1975, p.155)

Esses fatos indicam a forma como eram formadas as crianças daquela época, por pessoas estranhas, sem contato com a família de origem. Como dito anteriormente, todas essas crianças levaram, para toda sua vida, as marcas dessa educação, dessa convivência com o novo contexto familiar a qual foram inseridas, pois cada mestre ensinava para o aprendiz, sua “bagagem” de conhecimentos e experiências práticas que possuía e que vivia em seu lar (muitos eram pintores, artesãos, cavaleiros, ofícios, etc.) Neste novo ambiente familiar, segundo ÀRIES

(1975), o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação, pois a criança aprendia pela prática.

Os mestres também eram encarregados de assegurar que a criança aprendiz frequentasse uma escola para aprender as letras latinas, mesmo que com essa aprendizagem de geração em geração não houvesse lugar para a escola, pois a escola era um caso isolado aos clérigos, às classes dominantes. E mesmo essas classes que frequentavam a escola, tinham seus mestres, tinham seus padres, seus clérigos ou um prelado a quem tinham que servir como os aprendizes. O seu serviço fazia parte de sua educação da mesma forma que a escola fazia: “De modo geral, a transmissão do conhecimento de uma geração a outra era garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos.”(ARIÈS, 1975,p.158).

Com isso, nas sociedades medievais, por volta do século XVII as crianças não tinham nenhum destaque dentro do contexto social, de modo que, nesta época, não existiam crianças com características específicas da fase de criança, com uma expressão particular, com vestimentas de crianças, vivendo como tal a fase da infância, sendo considerados homens em tamanho reduzidos, os chamados e conhecidos “adultos em miniatura”, que precocemente eram introduzidos no mundo adulto, sendo “obrigados” de uma forma bastante comum para a época, estarem prontos para viver normalmente em sociedade, abandonando então, suas características específicas de crianças, tanto interiormente, nas formas de pensar, como, por consequência, nas formas de agir, se comportar, vestir, entre outros.

1.2. A criança, e a família: da antiguidade aos novos valores da sociedade atual

Foi somente no fim século XVII, segundo Ariès (1975), que as crianças passaram a ser representadas de forma isolada, de maneira semelhante aos dias atuais, ou seja, foram representadas diferentemente dos adultos, isoladas dessa sociedade que é distante da realidade da infância. Nesse período, também foi criado um traje especial para elas, diferenciado-as do que usava os adultos. Foi também, neste século, que começaram ter um lugar privilegiado nas cenas familiares, sendo apresentados através dos retratos da família.

A família começou se organizar em torno da criança, dando-lhe tal importância a ponto de retirar a mesma de seu estado antigo de anonimato, tornando também, impossível perdê-la, ou substituí-la, sem sentir uma enorme dor. Este conceito de infância é determinado historicamente pela modificação e novas formas de organização da sociedade: “Passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena antes de deixá-la unir-se aos adultos.”(ARIÈS,1975,p.277).

Então, passados muitos anos surge a preocupação com a infância que antes era desconhecida:

Novas ciências, como a Psicanálise, a Pediatria, a Psicologia, consagraram-se aos problemas da infância, e suas descobertas são transmitidas aos pais através de uma vasta literatura de vulgarização. Nosso mundo é obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância. Essa preocupação não era conhecida na civilização medieval, pois para essa sociedade não havia problemas: assim que era desmamada, um pouco depois, a criança tornava-se a companheira natural do adulto. (ÁRIES, 1975, p.194)

Por conta desta preocupação anteriormente inexistente, surgem muitos estudos voltados para a criança, atenção para cada fase específica da infância, da aprendizagem, dos aspectos físicos, emocionais; assim são criadas as leis de proteção e valorização da infância e muitas outras obras e pesquisas para cuidar do que antes não fora pensado.

2 Relações entre a educação e a família: as contribuições para o desenvolvimento do processo de aprendizagem da criança

Neste capítulo será abordada a importância da educação para a formação do indivíduo e a posição da família perante os anos iniciais de escolarização do educando.

Podemos perceber, em capítulos anteriores, que a família é o primeiro grupo social no qual a criança está inserida, no entanto os atos desta instituição refletem em todos os aspectos em sua vida. Muitas vezes, esses atos geram determinadas

consequências para a vida da criança, da mesma forma que podem ser atos positivos trazendo muitos benefícios para a mesma.

Assim, a escola ou o professor, com um olhar voltado não apenas para o aprendizado do aluno, mas seu contexto familiar, percebe nitidamente que, ela própria, a criança, traz consigo muito daquilo que vive, do que vê ou toma como modelo.

2.1 Educação: os dois lados da mesma na realidade do contexto familiar

A educação escolar atual sofre uma forte influência por causa dos muitos fatores sociais (ou grande parte deles), estando diretamente ligada a tudo que acontece na sociedade ou no meio familiar.

Percebe-se então, que experiências familiares aliadas ao trabalho escolar resultam numa melhora eficaz em relação ao nível de aprendizagem e conseqüentemente do rendimento escolar, pois, fica claro no discurso diário dos professores que os alunos que recebem atenção significativa por parte da família, tendem a apresentar um melhor rendimento escolar, ao passo que aqueles que não recebem atenção adequada apresentam quase sempre desempenho escolar abaixo do esperado. (SOUZA, 2009, p.11)

Olhando para o lado da criança que está sendo alfabetizada, este momento para ela precisa ter significado, já que precisa perceber o incentivo vindo de ambas as partes para progredir com mais fluência, para querer possuir mais conhecimentos de sua língua, conseqüentemente ter a facilidade em momentos de leituras, exercícios de interpretação, prazer em fazer uso desta nova aquisição, entre outros. Segundo Gabriel Chalita (2001, p.27) “a alfabetização tem de ser acompanhada pela família. Os primeiros escritos, o incentivo à leitura [...]”.

Há muitos casos em que a criança se sente totalmente desestimulada em apresentar aos pais ou à escola suas capacidades, por se sentirem “jogadas”. Pais ausentes, ambiciosos em busca do ganho excessivo, ou pais alcoólatras, drogados, sem vontade e interesse em saber o que se passa com a alfabetização dos filhos. Existem diferentes situações, além das citadas agora, em relação ao desinteresse da família quanto à educação da criança. Todo incentivo começa quando a criança percebe que o aprendizado faz sentido para a vida dele, ou seja, que aprender a ler e escrever vai fazer com que ele se torne uma nova pessoa, seja ele de família

melhor ou pior economicamente, confirmando que a aquisição de conhecimento tem um significado real. A criança reproduz o que vivencia; então, vindo no ambiente que ela está inserida, o incentivo a ler e escrever, ela o faz com carinho. E antes da escola, o grupo social na qual ela está mais ligada é sua família, seja ela qual classe social pertencer.

Um exemplo é uma criança que, mesmo sem saber ler ou escrever, tem prazer em manusear livros ou materiais como se o fizesse como seu pai lendo um jornal em casa ou sua mãe um livro de romance, uma revista de sua novela. Outro exemplo oposto é o professor perceber na criança a falta de interesse, por falta de estímulo vindo dos pais ou por nunca ter visto um bom exemplo de leitores em casa, ou, por muitas das vezes, inclusive, nem possuir em casa livros para ver ou brincar, jornais, revistas, gibis para manusear.

Segundo a autora Janete Dillmann de Paula (2012) em seu artigo “A Influência da Família no processo de Alfabetização”:

Os hábitos e costumes da criança são influenciados pelo meio em que vivem; não que seja uma regra, mas o hábito da leitura e escrita no contexto familiar possibilitará maior estímulo para que a criança compreenda o valor desse ato no seu dia-a-dia. (PAULA, 2012,p. 9).

Tudo tem como base o que lhe é ensinado, o que a criança presencia no meio familiar, o que ela aprende na escola. Isso a torna um cidadã crítica, apta para o mercado de trabalho e preparado para o exercício da cidadania.

Há uma grande discussão a respeito do papel da família e da escola, onde ambas possuem estreita relação. Assim como é importante a família estar presente na educação do filho na escola, é importante a escola estar a par da família, ciente de que a mesma está contribuindo positivamente nos anos de alfabetização da criança.

A pesquisadora Maria Ester do Prado Souza (2009), em seu artigo “*Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar*” deixa clara tal afirmação ao tratar da participação dos pais na vida escolar do filho: “É importante que a família esteja engajada no processo ensino-aprendizagem. Isto tende a favorecer o desempenho escolar, visto que o convívio da criança com a família é muito maior do que o convívio com a escola” (SOUZA, 2009, p.8).

Mais uma vez, foi afirmado que a participação dos pais na vida escolar dos filhos contribui de maneira significativa para o processo de desenvolvimento de suas competências e de seu rendimento escolar. A autora Janete Dillmann de Paula (2012), ao pesquisar sobre o assunto e afirmar suas conclusões a respeito, em seu artigo “*A influência da Família no Processo de Alfabetização*”, afirma:

Se a criança não vê no exemplo dos pais o significado para novas aprendizagens, então porque e para que aprender? Não queremos com este trabalho fazer da família o único elemento responsável pelo fracasso na aprendizagem das crianças, mas ressaltar que é dela que devem partir os exemplos e os estímulos para que a criança conceba a educação como algo necessário e prazeroso para sua vida. (PAULA, 2012, p.11)

Então, se hoje as famílias transferem a maior parte do que seria de sua responsabilidade acerca da educação à escola, cabe às instituições de ensino envolver e trazer para si as famílias não participativas para perceberem, de fato, que a sua participação efetiva no processo educacional de seu filho contribui verdadeiramente para o processo positivo da aprendizagem, sobretudo no período de alfabetização da criança.

2.2 Os direitos e deveres da família perante a educação da criança

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 2002. p.23.)

Além de noções previstas na Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases deixa claro que a educação é dever da família, cabendo ao Estado, representado pela escola, complementá-la. Sendo assim previsto, é dever da família formar seus filhos para a vida, levando-os a construir suas primeiras responsabilidades perante a sociedade na qual está inserido. Desta forma, a família não pode negligenciar seu papel na educação dos filhos, passando toda responsabilidade apenas à instituição de ensino no qual a criança está inserida. Ela é, portanto, o principal elemento

envolvido na aprendizagem inicial da criança, não podendo negar seu papel participativo e estimulador.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13-7-1990, o parágrafo único que está contido no Art.53, deixa clara a responsabilidade e o direito quanto à participação da família no acompanhamento escolar da mesma: “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais” (BRASIL, 1990, p.21).

Sendo assim previsto, os responsáveis pela criança, além do direito, tem que ter consciência de que deve estar a par da escola, com relação aos trabalhos realizados e o aprendizado da criança, devendo, inclusive, juntamente com o Poder Público representado pela escola, zelar pela frequência da criança, como está previsto por Lei: “Art.54 - Parágrafo 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola”. (BRASIL, 1990, p.21)

A participação, compromisso e responsabilidade dos pais e responsáveis pela criança, são, portanto, atitudes que garantem o sucesso e estímulo para a ela quanto à sua educação, visto que, por lei, a família aliada à escola, cumpre uma finalidade fundamental na vida da mesma: “Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996, p.27).

3 Alfabetização: breves considerações sobre seu significado e a relação com a família

O presente capítulo abordará conceitos sobre o que é alfabetização, dando ênfase sobre a escrita e a leitura e sua importância social: “Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar escrever. A escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização.” (CAGLIARI, 1995, p.96).

A alfabetização é, portanto, uma nova aprendizagem para o educando. Esta deve ser pensada em todos os aspectos que estão em torno do mesmo. Segundo

Emilia Ferreiro, em sua obra *Com Todas as Letras* (1992), as crianças que vivem em famílias onde todos são alfabetizados, ler e escrever são atividades do cotidiano, em que estas recebem as informações através da participação em atos sociais em que a escrita cumpre funções reais e precisas.

3.1 Escrita e Leitura: a importância da aquisição de ambas as competências

Há pessoas que notam a escrita como algo meramente inútil, ou algo estranho quando visto como é ensinado pela escola. Muitas das vezes, assim como alguns adultos, as crianças não compreendem a função da escrita, sua importância para o mundo ao seu redor e para ela mesma. Passam a ser apenas meros reprodutores do que lhes é passado, em atividades mecânicas. Algumas escolas ou professores cometem esse erro, em pensar na escrita apenas como reprodução e não como uma função social. A escrita é uma forma de se expressar, de se comunicar, além de lembrar, avisar, orientar, seja ela em qual ou para qual momento está sendo utilizada. As crianças precisam perceber a importância da mesma e seu significado real, ou irão se sentir desmotivadas.

Para os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2000)*, o domínio das competências de escrita e conseqüentemente leitura, e também a língua oral, tem fundamental importância para a participação em sociedade, onde este explicita claramente:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso a saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito alienável a todos (BRASIL, 2000, p.15).

O professor deve, no entanto, fazer com que o aluno compreenda as funções da escrita e da leitura e sua importância na sociedade, tendo sempre o cuidado de proporcionar atividades em que tenha possibilidades de contato com textos reais, para que haja uma ligação com as práticas sociais. Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2000)* “Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de

um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.(BRASIL, 2000, p.54)

O momento de proporcionar uma atividade de escrita e/ou leitura em sala de aula deve ser prazeroso, por um lado trabalhado com variedades de textos reais e, por outro, que vise à imaginação da criança, envolvendo também a construção dos textos espontâneos, no qual ela é capaz de produzir sozinha, mesmo havendo “erros”. Nas palavras do autor Cagliari:

Para minha surpresa, ao deixar as crianças escreverem textos espontâneos, pude observar que elas se preocupam em expor conceitos muito pessoais, como sua visão de mundo, da vida de maneira objetiva e direta ou através de uma fantasia semelhante à dos contos de fadas. A maneira como a escola trata o escrever, leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e em consequência a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional. (CAGLIARI, 1995, p.102).

Assim, quando é solicitada à criança uma produção da mais simples que seja, ela é totalmente capaz de apresentar com suas palavras e suas ideias o que tem em seu pensamento, sem se importar em escrever corretamente. Mas o professor, ao ler as produções, poderá possivelmente notar as diferenças naquelas crianças em que cresceram em um ambiente onde estiveram em contato constante com a escrita e a leitura.

Para alguns integrantes de família de classe social baixa, a escrita pode estar presente em sua vida apenas no momento em que vai assinar seu nome em algum lugar, ou escrever um recado ou bilhete curto, uma vez ou outra. Mas para a criança que está sendo alfabetizada, crescer em uma família em que a escrita e a leitura tem um papel necessário e prazeroso, se torna vantajoso no momento de sua alfabetização.

A criança não entra na escola nos anos iniciais sem saber de nada. Não é apenas na escola que ela poderá aprender escrever ou ler. Estão cercadas por um mundo letrado, onde tais competências fazem parte do cotidiano. Infelizmente, muitas famílias não compreendem que, juntamente com a escola, podem fazer parte da construção deste processo fundamental para a vida da criança: “Novamente entende-se que a família é o principal elemento envolvido na aprendizagem inicial da

criança e, como tal, não pode negligenciar sua função como primeiro agente educador” (PAULA, 2012, p.10)

Assim, não é algo complexo para a família realizar, ou seja, tomar para si as responsabilidades de alfabetização da escola. De forma indireta, os pais ou responsáveis podem contribuir, lendo revistas, jornais, lendo livros de histórias para a criança, escrevendo um bilhete, dando a ela cadernos para que ela escreva panfletos de mercados para explorar; enfim, há varias formas de mostrar à criança, de uma maneira simples, porém importante, que a escrita e leitura não é apenas uma reprodução e a leitura, uma simples leitura maçante, em que saber ler e escrever ultrapassa todos os limites, pois é com estas duas habilidades que todos se comunicam, se expressam. A concepção citada está explícita com as palavras do autor Cagliari (1995), em sua obra *Alfabetização e Linguística*:

Para quem vive nesse mundo, escrever como a escola propõe pode ser estranhíssimo, indesejável, inútil. Porém, os que vivem num meio social onde se lêem jornais, revistas, livros, onde os adultos escrevem frequentemente e as crianças, desde muito cedo, tem seu estojo cheio de lápis, canetas, borrachas, régua etc. acham muito natural o que a escola faz, porque, na verdade, representa uma continuação do que já faziam e esperavam que a escola fizesse. Portanto, alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como uma simples garantia de sobrevivência na sociedade, é diferente de alfabetizar grupos sociais que acham que a escrita, além de necessária, é uma forma de expressão individual de arte, passatempo. (CAGLIARI, 1995, p.101).

Tal afirmação deixa clara a importância da participação da família no processo de alfabetização da criança. Há aquelas que iniciam sua alfabetização sabendo da importância da escrita para a sociedade, que ela é fundamental, e na escola aprimorará seus conhecimentos. São essas que, desde cedo estão em contato com leitura e escrita. “Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar-se muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita” (FERREIRO, 1992, p.23). Por outro lado, há aquelas crianças, filhos de pais não alfabetizados, que chegam à escola com pouquíssimo conhecimento, informações a respeito da leitura e escrita. Estas não puderam aprender, em seu contexto, as funções sociais da leitura e da

escrita, não por falta de interesse ou vontade, mas por falta de um estímulo vindo do ambiente que as cerca.

Emilia Ferreiro, em sua obra *Reflexões Sobre Alfabetização* (1987), destaca que “A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existência [...]” (FERREIRO, 1992, p.43).

Por fim, é importante citar que, para a criança, deve fazer sentido tudo o que lhe é ensinado. No entanto, não basta apenas para ela fazer sentido e sim para o ambiente em que está inserida também, ou seja, para sua família, para que, assim, a mesma possa perceber que seus atos podem influenciar e incentivar seu filho na escola, em seus anos iniciais de alfabetização. Cabe a escola trazer para si as famílias, fazendo com que estas percebam sua importância para o aprendizado do filho. Trabalhando juntas, família e escola, ambas poderão influenciar de maneira positiva em tal processo, pois no ambiente na qual a criança está inserida, há incentivos e ações que, de forma natural, contribuem. Assim, tanto na escola como no lar, a criança notará que, os estímulos e incentivos são fundamentais, que as pessoas a sua volta estão colaborando para este novo conhecimento. Uma criança desmotivada dificilmente sentirá prazer em mostrar seu novo conhecimento ou se esforçará para adquirir o mesmo.

3.2 O papel da família nas práticas de letramento

É quase impossível falar a respeito de leitura e de escrita sem citar letramento. Esta palavra, embora nova para muitos e recém-chegada no nosso vocabulário, tem mostrado sua importância para o meio social e educacional. Ela também é associada com práticas que podem ocorrer até mesmo na infância, na família, pois este grupo social está fortemente ligado à criança, fazendo com que se torne modelo ou referência para o educando que está iniciando o processo de aquisição da escrita e da leitura. O primeiro contato com tais habilidades poderá vir antes da criança iniciar sua alfabetização, no meio familiar, ao presenciar momentos em que notará que ambas cumprem funções sociais.

Segundo Magda Soares (2012) o letramento é uma prática social, é o que as pessoas fazem com suas habilidades de leitura e escrita num contexto específico, e a maneira que ambas as habilidades se relacionam com as necessidades, os valores. “É um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvam em seu contexto social” (SOARES, 2012, p.72).

A aquisição das habilidades de leitura e de escrita garante sucesso pessoal no processo de aprendizagem da alfabetização, mas somente o letramento, segundo Magda Soares (2012), “é considerado como responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania” (SOARES, 2012, p.74)

Nota-se que, as competências de leitura e de escrita, estão paralelas ao letramento, sendo que, uma contribui com a outra, gerando então um leque de possibilidades para o caminho de aprendizagem da criança, ou seja, possibilita muitas formas de trabalho pra contribuição do ensino da leitura e escrita.

Segundo Magda Soares:

As habilidades de escrita, tal como as de leitura, devem ser aplicadas diferencialmente à produção de uma variedade de materiais escritos: da simples assinatura do nome ou elaboração de uma lista de compras até a redação de um ensaio ou de uma tese de doutorado (SOARES, 2012, p.70)

Diante desta afirmação, é possível perceber que o letramento é adquirido não apenas na escola, sendo que a criança geralmente está em constante contato com o mesmo nas práticas sociais dentro da própria família, e, assim, quanto maiores as oportunidades de estar em um meio onde há a presença de leitura e escrita, mais conhecimento terá durante seu processo de alfabetização.

Considerações finais

Diante da pesquisa realizada, podemos concluir, desde o momento histórico aos dias atuais, que a família é um elemento fundamental na vida da criança. Este grupo social, que há séculos atrás negligenciava os cuidados com a saúde, alimentação, higiene e especialmente a educação, hoje, de forma muito significativa, embora havendo exceções, dedica suas atenções para o cuidado do filho em todos

os aspectos, que passou, historicamente, a não ser mais o “adulto em miniatura”, ganhando expressão de um indivíduo que tem singularidades.

Este grupo social, denominado família, deixará, para a vida da criança, marcas de tudo que o educando viu e tomou como exemplo, pois tudo que ela é, faz ou pensa, vem do que adquiriu na convivência do meio familiar, o que remete a ideia de que os costumes e tradições passam de geração a geração.

Por consequência desta afirmação, ao chegar ao ambiente escolar para ser alfabetizada, a criança deve receber atenção especial e acompanhamento dos pais neste sentido, ganhando estímulo para o melhor desenvolvimento seu processo de alfabetização. E tudo acontece se houver todo o trabalho em parceria juntamente com a escola para contribuir de forma a proporcionar o sucesso no processo de aprendizagem propriamente dito.

No entanto, se não houver participação, atos que motivarão a criança nesta fase, bons exemplos dentro de casa por parte da família, ela, a criança, não criará o hábito da leitura e da escrita e tão pouco notará a importância de adquirir as competências leitora escritora e sua importância para o meio social, não desenvolvendo, portanto, as noções de letramento.

Sendo assim, a família deve acompanhar o processo de alfabetização do filho, a fim de estimulá-lo, de modo a fazer com que haja um trabalho positivo em torno do processo, para que tudo ocorra como desejado, havendo, portanto, a harmonia do trabalho da própria família com a escola; ambas trabalhando juntas para garantir o sucesso do processo de alfabetização.

Referências

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. LCT, Rio de Janeiro RJ, 1975, 279 p.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 2002

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96)* / apresentação Carlos Roberto Jamil Cury. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2002.

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1987.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PAULA, Janete Dillmann de. A influência da Família no Processo de Alfabetização. *Revista Thema*, Disponível em: <///C:/Users/Win7/Downloads/139/139-396-1-PB%20(1).pdf> > p.13, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SOUZA, Maria Ester do Prado. Família/Escola: A importância dessa relação no desempenho escolar. Disponível em: <
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>> Antonio da Platina, Paraná, 2009.